

PONTE LITERÁRIA CONSOLIDA INTERCÂMBIO ENTRE CULTURAS



RONALDO CAGIANO

ESPECIAL PARA OPINIÃO PÚBLICA

Nascido na Bielorrússia e radicado em Brasília há cerca de uma década, o poeta e tradutor Oleg Almeida vem construindo uma sólida carreira literária, com sua intensa participação intelectual, tanto na publicação de seus volumes de poesia quanto na tradução e difusão de escritores russos.



Profundamente enraizado e adaptado à nossa realidade geográfica, física, social e política, Oleg publicou recentemente dois volumes de poesia, com selo da prestigiada editora carioca 7 Letras (*Memórias dum Hiperbóreo* e *Quarta-feira de cinzas*). Esses títulos espelham não apenas a marca de uma inigualável intimidade com a língua portuguesa, como também um diálogo, sem fronteiras, com outras culturas e obras, ressaltando um riquíssimo repertório criativo e domínio da linguagem e dos signos de diversas pátrias, além de um flerte com outras realidades estéticas, promovendo uma simbólica relação com um variado universo poético e também ficcional.

No bojo de sua vastíssima dicção poética, o trânsito com outras pulsões literárias caracteriza seu trabalho por uma singular polifonia, tal a diversidade de suas influências e a versatilidade de seu mergulho, tanto no que diz respeito à arquitetura formal quanto às abordagens e temas. Do clássico ao moderno, da tradição à vanguarda, da economia do hai-kai ao texto mais elaborado e discursivo (destes que, muitas vezes, nos remetem a Drummond, Pessoa e Bandeira), sem dúvida, a expressão oleguiana nos oferece uma inflexão crítica, reflexiva e filosófica do mundo e das coisas.

Sua bibliografia vem sendo objeto da melhor recepção, tendo ele sido elogiado por alguns dos nossos ensaístas e críticos, entre os quais Marco Lucchesi, Adeldo Gonçalves e Antonio Cícero, que deslindaram a cosmovisão de seu olhar poético e atestam também o acento inovador de seu artesanato verbal.

Em tão pouco tempo e profundamente integrado e adaptado à nossa atmosfera social e cultural, Oleg (que adotou a cidadania brasileira e incorporou o sobrenome da esposa) constrói uma trajetória autêntica, genuína, sem requeitamentos das velhas fórmulas ou escolas nacionais. Seu projeto se cristaliza, justamente porque explora todas as possibilidades de comunicação de uma poesia e de uma língua antagônicas às milenares tradições de seu povo e de sua história. A língua portuguesa e a literatura brasileira foram capazes de seduzi-lo, justamente pela opção de uma outra genética, ampliando seus horizontes semânticos na esteira da riqueza fonética, da diversidade semântica e das alternativas metafóricas, recursos de que o poeta se utiliza com segurança e sobriedade, sem parecer um deslocado, mas com voz e estilo peculiares que de modo algum o fazem se sentir estrangeiro entre nós.

A ponte poética entre o passado e o futuro, entre latitudes místicas ou psicológicas, entre o que viveu e o que vi(ve)rá – da Grécia ao Brasil, das hiperbóreas raízes ao tropical enraizamento, do helenismo à macunaímica construção de nossa identidade, do Egito à Brasília de JK – pode ser sentida em versos em que o autor busca a integração entre tempos e espaços distintos, para afirmar sua ligação e fortalecê-la com o solo do cerrado e o resto do Brasil, como nessas odes (à despedida e ao recomeço): “Eu nasci muito longe daqui, / lá no norte severo, / na terra beata dos hiperbóreos, / além deste mar bravio situada, / inatingível (...); Adeus, minha pátria bela: / cidade onde passei a infância feliz / e da áurea juventude colhi as primícias (...); Brasília... / Cidade festiva, cidade tristonha, / cidade de siglas e algarismos, / de pleitos, escândalos e portarias, / tulipa de ferro plantada no meu coração (...); Brasília, / cidade alheia, cidade querida, / pois, feitas as contas, / merece favores mundanos e graças divinas / quem anda descalço por pedras em gume; / aqueles que usam coturnos, pisando o capim, desmerecem. / E pelo rigor com o qual me curastes de vãs ilusões, / ensinando o moral dos pioneiros, / eu fico-vos grato, Brasília, / meu duro amor!”

A bibliografia brasileira se enriquece com as diversas incursões de Oleg Almeida pelo universo literário, tanto por esse inestimável intercâmbio que promove entre mundos de sua poética quanto pelas diversas traduções decorrentes de seu múltiplo conhecimento de línguas: *Canções alexandrinas*, de Mikhail Kuzmin; *Pequenas tragédias*, de Alexandr Púchkin; *Os cantos de Bilitis: romance lírico*, de Pierre Louÿs; *Pequenos poemas em prosa – O esplim de Paris e outros escritos*, de Charles Baudelaire; *Diário do subsolo*, de Dostoiévski, dentre outros.

Ronaldo Cagiano (escritor, reside em São Paulo)